

Revisão de escopo sobre branquitude no Brasil

Scope review on whiteness in Brazil

Revisión del alcance de la blancura en Brasil

Rita de Cassia de Jesus Oliveira¹

Marcus Eugênio Oliveira Lima²

Resumo

O presente artigo consiste em uma revisão de escopo que tem como objetivo investigar a produção científica brasileira sobre branquitude. Para isso, foi realizada uma busca nas bases de dados Psycinfo, BVS Psi, SciELO e periódicos CAPES, utilizando o termo “branquitude” como palavra-chave. A busca inicial resultou na identificação de 200 publicações, e após a aplicação dos filtros, o número foi reduzido para 12 trabalhos. Os resultados indicam que o tema da branquitude desperta interesse em diversas áreas, embora as publicações ainda sejam escassas. Das teorias e conceitos adotados nos artigos, é possível destacar os seguintes termos, a saber: raça, racismo, miscigenação, branqueamento e democracia racial. No entanto, em relação às lacunas teóricas, não foram encontrados estudos quantitativos, o que aponta para a necessidade de desenvolvimento de pesquisas mais sistemáticas e representativas da população nacional. Conclui-se que os estudos sobre essa temática representam uma oportunidade de ampliação dos debates sobre racismo, uma vez que colocam o sujeito branco como categoria de análise, rompendo com a lógica de que o branco não possui cor/raça, possibilitando, com isso, a discussão sobre sua participação nos processos de (re)produção das desigualdades raciais.

Palavras-chave: Branquitude; Racismo; Brasil; Revisão de Escopo.

Abstract

This article is a scoping review which aims to investigate Brazilian scientific production on whiteness. To this end, a search was carried out in the Psycinfo,

¹ Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil, <https://orcid.org/0000-0002-8611-9461>.
E-mail: rita-de--cassia@hotmail.com

² Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5280-130X>.
E-mail: marcus@academico.ufs.br

BVS Psi, SciELO and CAPES journals databases, using the term “whiteness” as a keyword. The initial search resulted in the identification of 200 publications, and after applying the filters, the number was reduced to 12 papers. The results indicate that the topic of whiteness is of interest in various areas, although publications are still scarce. Of the theories and concepts adopted in the articles, the following terms can be highlighted: race, racism, miscegenation, whitening and racial democracy. However, in relation to the theoretical gaps, no quantitative studies were found, which points to the need to develop more systematic research that is representative of the national population. The conclusion is that studies on this subject represent an opportunity to broaden the debates on racism, since they place the white subject as a category of analysis, breaking with the logic that white people have no color/race, thus making it possible to discuss their participation in the processes of (re)production of racial inequalities.

Keywords: Whiteness; Racism; Brazil; Scope Review.

Resumen

Este artículo es una revisión de alcance con el objetivo de investigar la producción científica brasileña sobre la blancura. Para ello, se realizó una búsqueda en las bases de datos de revistas Psycinfo, BVS Psi, SciELO y CAPES, utilizando el término «whiteness» como palabra clave. La búsqueda inicial resultó en la identificación de 200 publicaciones, y después de aplicar los filtros, el número se redujo a 12 trabajos. Los resultados indican que el tema de la blancura despierta interés en diversas áreas, aunque las publicaciones siguen siendo escasas. De las teorías y conceptos adoptados en los artículos, se destacan los siguientes términos: raza, racismo, mestizaje, blanqueamiento y democracia racial. Sin embargo, en relación a las lagunas teóricas, no se encontraron estudios cuantitativos, lo que apunta a la necesidad de desarrollar investigaciones más sistemáticas y representativas de la población nacional. Se concluye que los estudios sobre el tema representan una oportunidad para ampliar los debates sobre el racismo, ya que colocan al sujeto blanco como categoría de análisis, rompiendo con la lógica de que los blancos no tienen color/raza, posibilitando así discutir su participación en los procesos de (re)producción de desigualdades raciales.

Palabras clave: Blancura; Racismo; Brasil; Revisión del Alcance.

A branquitude é um construto ideológico complexo, fundamentado na ideia de raças superiores e inferiores, em que os brancos ocupam o topo da pirâmide hierárquica, obtendo, com isso, privilégios materiais e simbólicos (Schucman, 2014). A construção histórica da ideia de raça permitiu a divisão e categorização da humanidade em grupos, cujas diferenças são

essencializadas e utilizadas para sustentar um sistema desigual, que proporciona privilégios ao grupo branco e oprime o grupo não branco.

É importante ressaltar que a análise da branquitude deve ser considerada como parte de um debate mais amplo, tanto político quanto científico, contra o racismo, reafirmando o compromisso de incorporar o branco na discussão sobre a desigualdade racial e compreender as posições e ações sociais que contribuem para a manutenção da hierarquia entre os grupos branco e não branco (Corossacz, 2014). Considerando que a cor da pele e as características fenotípicas são marcadores para o racismo e influenciam questões como a desigualdade social no Brasil, surge a necessidade de abordar essa temática. A pesquisa sobre branquitude é crucial, uma vez que, apesar de atravessar o campo das relações raciais, a população branca não é questionada sobre sua cor e posição socioeconômica. Além disso, as discussões e descobertas sobre os processos que compõem a branquitude ampliam o debate sobre o racismo e as formas de combatê-lo.

Segundo Santiago (2019), poucos estudos acadêmicos foram realizados sobre branquitude no Brasil, evidenciando que esse tema ainda é pouco explorado. A escassez de discussões sobre a branquitude pode ser atribuída ao foco predominante no “problema do negro” nas análises sobre racismo no Brasil, resultando no silenciamento do papel dos sujeitos brancos na manutenção das desigualdades raciais.

As discussões sobre relações raciais no Brasil são complexas devido à diversidade fenotípica da população. No entanto, no senso comum, ainda há questionamentos sobre quem seriam os brancos e os negros, com a miscigenação frequentemente destacada de forma acrítica. Corossacz (2014) observa que a mestiçagem é frequentemente utilizada para esconder a identidade branca. No entanto, a classificação racial não é impedida pela mestiçagem, pois os brancos no Brasil são percebidos como brancos nas interações sociais. Embora possam ter ascendência negra, a presença de características europeias, pele clara e cabelos lisos são suficientes para serem classificados como brancos, garantindo certos privilégios, como acesso à educação e a oportunidades no mercado de trabalho (Schucman, 2014).

Com base nessas análises e considerando as peculiaridades históricas geradas no Brasil pelo mito da democracia racial, miscigenação e ideologia

do branqueamento, o objetivo geral deste artigo é apresentar uma revisão de escopo sobre a branquitude no Brasil, identificando publicações científicas em diversas áreas do conhecimento. Especificamente, busca-se compreender como a branquitude tem sido investigada e abordada, examinar as teorias e métodos utilizados, destacar os resultados encontrados, identificar lacunas teóricas e refletir sobre as contribuições que o estudo crítico da branquitude pode oferecer no campo das relações raciais.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Estratégia de busca

A revisão de escopo teve início com a definição do objeto de estudo, denominado “branquitude”. Esse termo foi empregado nas bases de dados em 08 de abril de 2021, com o intuito de localizar os materiais necessários para o desenvolvimento do trabalho. As bases de dados selecionadas incluíram, a saber: Psychinfo, BVS Psi (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Critérios de Inclusão e exclusão

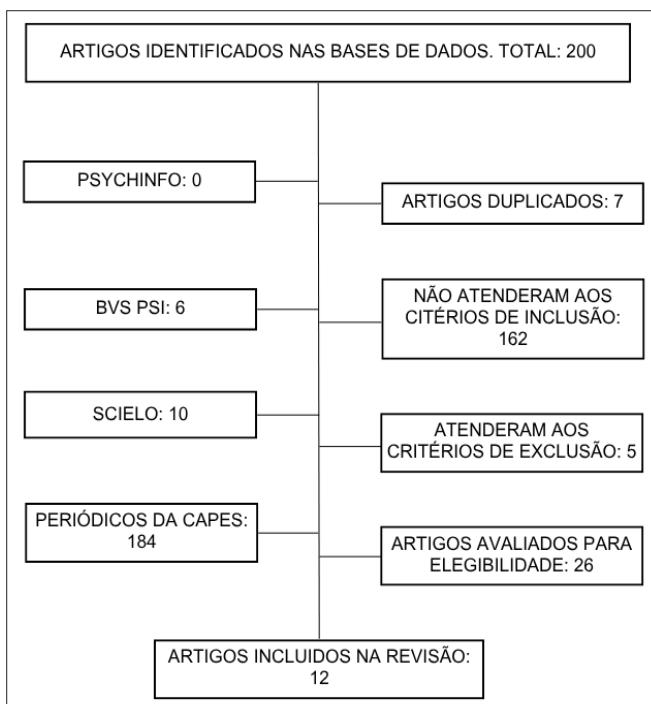
Os critérios de inclusão dos artigos selecionados para esta revisão de escopo foram os seguintes, a saber: a presença do termo “branquitude” no título, artigos revisados por pares e análise da branquitude no contexto brasileiro. Quanto ao critério de exclusão, não possuir arquivo completo para download. Optou-se por não estabelecer um limite de tempo para a busca. Além disso, o idioma dos artigos não foi considerado como critério de exclusão, embora apenas um artigo em espanhol tenha sido identificado.

Procedimento de Coleta de Dados

A busca inicial resultou na identificação de 200 publicações, porém, após a aplicação dos filtros (critérios de inclusão e exclusão), o número

diminuiu para 26 artigos elegíveis para análise. Foram eliminadas as produções duplicadas (7), aquelas que não atenderam aos critérios de inclusão (162) e as que satisfizeram os critérios de exclusão (5). Após a leitura integral dos artigos, 12 permaneceram para a análise final.

Na base de dados Psychinfo, não foram encontrados resultados para o termo “branquitude”. Na BVS Psi, foram identificados seis artigos, dos quais quatro foram removidos por atenderem ao critério de exclusão. Na SciELO, foram localizados dez artigos, sendo um deles excluído por se tratar de um estudo realizado na Argentina, outro foi retirado por duplicidade e um terceiro atendeu ao critério de exclusão, restando sete artigos. Nos periódicos da CAPES, inicialmente foram obtidos 184 trabalhos, mas após uma busca avançada e a aplicação dos filtros, o número foi reduzido para dez artigos, dos quais três foram selecionados, ao passo que os demais foram removidos devido à duplicidade.



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 apresenta os artigos selecionados, destacando as áreas de conhecimento, objetivos, perspectivas adotadas na análise e as contribuições dos estudos.

Quadro 1. Artigos encontrados em função das áreas do conhecimento, objetivos, perspectivas adotadas na análise e contribuições dos estudos

Título/Autor	Objetivo	Área de conhecimento/ Natureza do estudo	Teorias ou perspectivas adotadas na análise	Contribuições do estudo/ principais resultados
Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. Cardoso (2010)	"Salientar a importância de distinguirem a branquitude crítica e a branquitude acrítica."	Sociologia/ Teórico	Branquitude crítica Branquitude acrítica.	O artigo contribui para o entendimento da distinção entre branquitude crítica e acrítica, evidenciando que ambas representam posições privilegiadas. A diferença entre elas reside no fato de que a branquitude crítica geralmente não realiza uma reflexão profunda sobre sua identidade racial, ao passo que a branquitude acrítica, embora não reconheça sua própria raça/etnia, faz questão de destacar sua pertença racial para reforçar o lugar hierárquico que os brancos ocupam.
O imaginário da branquitude à luz da trajetória de grande Otelo: Raça, persona, e estereótipos em sua performance artística. Hirano (2013)	"Esboçar a trajetória de mais de 70 anos de Sebastião de Souza Prata, Grande Otelo, em diálogo com diferentes períodos do cinema brasileiro e com debates raciais no Brasil."	Antropologia/ Empírico	Pesquisa sócio-histórica	O ator Grande Otelo conseguiu transcender o processo que o reduzia à sua atribuição racial, em uma sociedade onde o espaço destinado aos negros nas mídias é significativamente menor do que o espaço reservado aos brancos. Além da falta de visibilidade, o espaço dedicado aos negros é permeado por estereótipos. Grande Otelo conseguiu, em parte, superar essas barreiras, mas isso não ocorreu devido a uma mudança abrangente no imaginário racial, e sim devido à singularidade de sua trajetória.
Branquitude e progresso: a liga Paulistana de Higiene Mental e os discursos paulistanos na contemporaneidade. Serra e Schucman (2012)	"Analizar como a política racial implementada na cidade de São Paulo, no início do século 20, se reatualiza nas ideias e nas representações de progresso e desenvolvimento na metrópole paulistana."	Psicologia/ Empírico	Psicologia social.	A crença na superioridade racial dos brancos, aclamada pelos intelectuais do século XX e baseada na eugenia, ainda está presente no imaginário da população paulistana contemporânea. Esses significados interferem em suas escolhas afetivas e na maneira como percebem tanto brancos quanto negros. A superioridade estética é um dos principais traços da branquitude no Brasil.
"Sim, nós somos racistas: estudo psicosocial da branquitude Paulistana" Schucman (2014)	"Investigar de que forma as ideias de raça e racismo operam na construção da identidade racial branca."	Psicologia/ Empírico	Psicologia social. Psicologia sócio-histórica.	Os brancos estão imersos em um processo psicosocial que não favorece a desconstrução do valor estético, moral e intelectual atribuído à identidade branca. Permanecem compartilhando ideias de supremacia branca e obtendo privilégios. Para que haja mudança, é necessária uma conscientização sobre a racialidade e uma mudança cultural na sociedade.

Título/Autor	Objetivo	Área de conhecimento/ Natureza do estudo	Teorias ou perspectivas adotadas na análise	Contribuições do estudo/ principais resultados
Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. Corossacz (2014)	"Compreender a branquitude para avançar no estudo do racismo na sociedade brasileira."	Antropologia/ Empírico	Abordagem biográfica. Pesquisa etnográfica.	A branquitude é permeada pelas intersecções das hierarquias de classe, cor e gênero. No Brasil, a classe social é ressaltada para invisibilizar os privilégios da branquitude, com a retórica de que o branco pobre não tem privilégios. No estudo, as pessoas negras aparecem na vida dos participantes brancos de classe média-alta em posições subordinadas. Os entrevistados não percebem as consequências das intersecções para sua posição social, neutralizando assim o homem branco heterosexual de classe abastada e criando um vazio em torno da branquitude para os brancos.
Imagen, branqueamento e branquitude nas escolas de educação infantil. Souza e Dinis (2018)	"Investigar as produções imagéticas que ornamentam os espaços das instituições de educação infantil, particularmente painéis, fotos, gravura e como estas imagens representam uma relação de saber e poder sobre processos racistas de branqueamento nas instituições de educação infantil."	Educação/ Empírico	Representações sociais.	Ressalta-se uma forma de manifestação do racismo: o branqueamento baseado em imagens. As crianças constroem sua identidade racial em um ambiente escolar que reforça a supremacia branca, seja destacando os brancos em instituições majoritariamente não brancas, seja associando imagens estereotipadas da mulher negra à questão sexual e do homem ao futebol. A falta de representatividade dos grupos raciais no ambiente escolar demonstra a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação.
Branquitude e creche: inquietações de um pesquisador branco. Santiago (2019)	"Explorar os aspectos relativos às (re)interpretações das crianças pequeninhas, negras e brancas, de 0 a 3 anos, de um coletivo infantil em uma creche pública, acerca das intersecções das práticas racistas e sexistas."	Educação/ Empírico	Pesquisa etnográfica. Sociologia da infância.	As ideologias da branquitude na educação infantil reforçam diariamente o lugar privilegiado do branco, por meio da colonialidade do saber. As crianças têm contato apenas com histórias, estilos estéticos e experiências afetivas de uma perspectiva eurocêntrica, privando-as do contato com outros segmentos. Essa falta de educação para as relações raciais reforça as hierarquias existentes na sociedade.
Curtas metragens e narrativas docentes: problematizando diferença racial e branquitude. Zubaran e Cruz (2020)	"Mapear e problematizar discursos e representações recorrentes acerca da diferença racial e da branquitude em entrevistas com professoras da educação básica, a partir da visualização de dois curtas metragens: Cores e botas (Vicente, 2010) e Pode me chamar de Nadi (Cardoso, 2009)."	Educação/ Empírico	Estudos culturais em educação. Representações da linguagem e identidade.	Os discursos e imagens da branquitude propagados nas escolas afetam a autoestima das pessoas que não têm as características fenotípicas consideradas padrão. Daí surge a importância de intervenções pedagógicas que problematizem a construção das diferenças na escola e busquem ressignificar as ideias em torno da branquitude para pensar alternativas que garantam a preservação da autoestima dos alunos. Neste sentido, a utilização de curtas-metragens contribui para a reflexão sobre o impacto das representações da branquitude na constituição das identidades, sendo um recurso didático importante.

Título/Autor	Objetivo	Área de conhecimento/ Natureza do estudo	Teorias ou perspectivas adotadas na análise	Contribuições do estudo/ principais resultados
Branquitude, discursos e representações de mulheres negras no ambiente acadêmico da UFBA. Oliveira e Resende (2020)	"Investigar como estudantes brancos/ as da UFBA constroem imagens de mulheres negras por meio dos recursos do discurso. "	Letras/ Empírico	Análise discursiva crítica.	A percepção do privilégio branco ainda é permeada por ideias que fundamentam práticas e discursos racistas. Por exemplo, quando as pessoas brancas citam as lacunas na lei das cotas para tentar deslegitimá-la, consciente ou inconscientemente procuram proteger o status quo do seu grupo. Da mesma forma, quando pensam que o privilégio branco se resume apenas a não sofrer racismo, demonstram uma falta de reflexão crítica. No estudo em questão, a percepção das mulheres brancas sobre as negras é carregada de estereótipos, camuflados pelos discursos. O movimento negro luta pela valorização e autoestima das pessoas negras, gerando reações violentas para manter os privilégios brancos.
Europeus e norte-americanos no litoral Sul da Bahia: branquitude e novas colonizações no paraíso tropical. Jesus e Oliveira (2020)	"Analizar as expressões e tensões entre branquitude e identidade afro-brasileira num território litorâneo da Mata Atlântica, no sul da Bahia."	Letras/ Empírico	Estudo-reflexão.	O advento da migração, tanto internacional quanto nacional, para o território da Vila de Serra Grande deve ser analisado sob a perspectiva das relações étnico-raciais, considerando os sujeitos que imigraram majoritariamente brancos e o território que escolhem, levando em conta as populações nativas locais historicamente ligadas a esse território e à sua formação negro-indígena. A migração é um fenômeno repleto de significados que podem estar ligados às expressões do colonialismo ainda presentes na contemporaneidade.
Subjetivación de la blanquitud por jóvenes universitarios: un estudio comparativo. Ortiz-Piedrahita (2020)	"Repensar as relações raciais brasileiras e colombianas a partir do estudo da subjetividade da identidade branca por estudantes da Universidade de Antioquia (Colômbia) e da Universidade de Brasília (Brasil)."	Ciências sociais/ Empírico	Estudo comparativo.	O estudo em questão aponta que a educação pode ser um mecanismo para a formação de uma identidade branca crítica, não essencialista. Tanto os estudantes brasileiros quanto os colombianos interpretam a branquitude pela perspectiva racial da cor da pele, mais do que em termos étnicos. Embora os estudantes adotem uma perspectiva mais crítica da branquitude, os valores positivos ainda estão mais relacionados às pessoas brancas. Quando se identificam como brancos mestiços, no fundo querem se livrar da responsabilidade social que implica classificar-se como branco privilegiado.
Racismo e novo pacto da branquitude em tempos de pandemia. Eurico, Gonçalves e Fornazier (2021)	"Examinar aspectos das desigualdades social, racial e de gênero que a pandemia do novo coronavírus escancarou."	Serviço social/ Empírico	Análise da realidade social	A desigualdade social é um projeto que determina o lugar hierárquico na divisão de riquezas e trabalho, sendo a questão racial um fator determinante. É necessário combater as hierarquias de gênero, classe e raça para construir uma sociedade livre de todas as formas de exploração.

Fonte: elaborado pelos autores.

No que diz respeito à temática dos estudos foi possível constatar que o racismo e a noção de raça são abordados como fenômenos centrais para a compreensão da branquitude (Schucman, 2014; Serra & Schucman,

2012; Cardoso, 2010; Eurico, et al., 2021; Corossacz, 2014). A análise dos artigos encontrados revelou que o tema da branquitude desperta interesse em diversas áreas do conhecimento. Em relação ao período de publicação, conforme demonstrado no Quadro 1, o número de publicações não segue um padrão linear ao longo dos anos, havendo um aumento nos últimos anos, embora ainda seja pequeno dado a importância da temática.

Um dos objetivos desta revisão de escopo era identificar lacunas teóricas nos estudos sobre branquitude. A principal lacuna observada foi o número reduzido de trabalhos recuperados, considerando a relevância dessa temática para o entendimento das relações raciais. Além disso, não foram encontrados estudos quantitativos que utilizassem instrumentos para investigar amplamente a branquitude. Em um dos artigos analisados, menciona-se outra lacuna, que é a falta de estudos sobre branquitude acrítica. A branquitude acrítica é aquela que argumenta a favor da superioridade racial branca, sendo importante que haja estudos sobre essa perspectiva, pois todos os estudos encontrados estão voltados para a branquitude crítica, sem considerar a multiplicidade da identidade branca (Cardoso, 2010).

Em relação à natureza dos estudos, onze são empíricos e um é teórico (Cardoso, 2010). Dos trabalhos analisados, a área da educação foi a mais explorada, seguida da psicologia. Dos 11 estudos empíricos, todos utilizaram o método qualitativo de coleta ou geração de dados, não sendo encontrada nenhuma pesquisa quantitativa. A maioria deles (sete) empregou a entrevista como instrumento de coleta de dados (Corossacz, 2014; Ortiz-Piedrahita, 2020; Santiago, 2019; Schucman, 2014; Serra & Schucman, 2012). Além da entrevista, foram utilizados como instrumentos complementares dois filmes curta-metragens (“Cores e Botas” e “Pode me chamar de Nadí”) (Zubarán & Cruz, 2020). Outro estudo utilizou questionário e grupo focal (Oliveira & Resende, 2020). Os demais estudos são revisões bibliográficas que empregam teorias para realizar uma reflexão crítica sobre a branquitude em diferentes contextos.

Em relação aos participantes dos estudos, dois optaram por selecionar cidadãos brancos (Schucman, 2014; Serra & Schucman, 2012); dois foram realizados com estudantes universitários (Oliveira & Resende, 2020; Ortiz-Piedrahita, 2020); um contou com a participação de um coletivo

de crianças de zero a três anos e docentes (Santiago, 2019); um envolveu sete professores da educação básica (Zubaran & Cruz, 2020); e um teve a participação de 21 homens brancos de classe média-alta (Corossacz, 2014).

Descrição qualitativa

Após a análise temática dos artigos selecionados sobre branquitude, o conteúdo foi agrupado em cinco categorias temáticas: 1) Aspectos subjetivos da branquitude; 2) Branquitude e intersecções; 3) Branquitude e poder no contexto escolar; 4) Perspectiva histórica da branquitude; e 5) Conflitos, silenciamento e branquitude. É importante destacar que, embora os artigos tenham sido agrupados, como evidenciado no Quadro 1, eles pertencem a áreas distintas do conhecimento e adotam perspectivas variadas na compreensão da branquitude.

Categoria 1 – Aspectos subjetivos da branquitude

As ideias de raça e racismo influenciam na formação da identidade branca, de modo que a branquitude é associada a uma noção de superioridade estética, moral e intelectual. A superioridade estética é reforçada pelos padrões de beleza e representa um dos traços fundamentais na construção da branquitude no Brasil (Schueman, 2011). Em relação à superioridade moral, os brancos paulistas participantes do estudo identificaram a ideia de culturas inferiores e superiores como principais motivos para as desigualdades sociais, substituindo a noção de raças inferiores e superiores, como discutido por Rex (1986) sobre a construção ideológica do conceito de etnia em substituição ao de raça. Nessa perspectiva, ser branco ainda está associado a determinados comportamentos.

O racismo se manifesta de diversas formas, sendo uma delas o racismo biológico, que justifica as hierarquias sociais com base na raça e diferencia os grupos por características físicas herdadas, como cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, entre outros aspectos. Outra forma é o racismo cultural, considerado o “novo racismo”, pois se apresenta como um *racismo sem raças*, no qual as hierarquias sociais são justificadas por meio

de uma ideia essencialista de diferenças culturais, linguísticas, religiosas e de estilos de vida (diferenças étnicas), vistas como inferiores. Entretanto, o racismo cultural não se desvincula do racismo biológico, pois a racialização da diferença continua sendo o fator fundamental na classificação dos grupos como superiores e inferiores (Lima, 2020).

Raça e racismo são elementos fundamentais para compreender a branquitude e a formação identitária das pessoas que vivem em sociedades estruturadas por um sistema racista. Nesse sentido, Cardoso (2010) propõe os conceitos de branquitude crítica e branquitude acrítica, estabelecendo uma importante distinção entre os dois tipos de branquitude, já que a identidade branca não é homogênea, sendo vivenciada de forma individual por cada sujeito. A branquitude é diversa, e as pessoas apresentam diferentes manifestações de racismo. Assim como é necessário distinguir as diferentes formas de racismo, também é essencial diferenciar as diversas formas de branquitude, e o conceito de branquitude crítica e acrítica oferece uma maneira de abordar essa distinção.

A branquitude crítica é composta por pessoas brancas que rejeitam publicamente o racismo. É importante mencionar que, embora o sujeito adote esse discurso de rejeição pública, nem sempre isso se reflete em seu comportamento privado. Em algumas situações, o racismo pode ser negado, minimizado ou até mesmo ironizado, como ocorre em piadas racistas contadas entre amigos. A branquitude crítica não conduz a uma reflexão profunda sobre a identidade racial branca, mesmo que tenha uma postura menos racista do que a branquitude acrítica. Quando questionados de forma mais sistemática, os brancos críticos revelam que ainda não possuem uma postura antirracista que os leve a uma mobilização em prol de mudanças sociais significativas (Cardoso, 2010).

A branquitude acrítica, por sua vez, não reconhece seu próprio racismo, sustentando que ser branco é uma condição especial e concordando com a hierarquia existente entre brancos e não brancos. É um tipo de branquitude que utiliza a raça para praticar atos violentos, que vão desde insultos, tanto em ambientes públicos quanto privados, até agressões físicas e homicídios. Exemplos de branquitude acrítica incluem os *skinheads*, grupos ou indivíduos que defendem a supremacia branca e são capazes de

praticar atos extremamente violentos. É importante destacar que ambas as formas de branquitude, crítica e acrítica, representam um lugar de privilégio para os brancos (Cardoso, 2010).

Categoría 2 – Branquitude e intersecções

Um estudo comparativo sobre a construção da subjetividade e da identidade branca de jovens universitários em Brasília e Medellín revelou que o fator predominante para o reconhecimento da raça das pessoas é a cor da pele. A branquitude está mais relacionada a uma questão fenotípica e de classe social, permitindo que uma pessoa com a cor da pele relativamente clara, mesmo tendo ascendência indígena ou negra, se autorreconheça e seja reconhecida como branca. Assim, a classificação da branquitude é poliforme, recebendo múltiplas nomeações e sentidos, relacionando-se também com intersecções como gênero e classe (Ortiz-Piedrahita, 2020). Além disso, o estudo constatou que valores como empreendedorismo, disciplina e prosperidade econômica são associados de forma positiva a pessoas de pele clara ou branca:

En último lugar, se reconoció que la condición de mestizo blanco en Brasil y Colombia es ambigua, ya que, por una parte, las personas que se identifican como mestizas blancas, al reconocer su ascendencia negra o indígena, en el fondo quieren liberarse de la responsabilidad social que implica calificarse de blanco privilegiado (Ortiz-Piedrahita, 2020, p. 20).

Os privilégios da branquitude também são influenciados por questões de gênero, status e classe social, entre outros. Existem diversas maneiras de vivenciar a identidade branca. Por exemplo, um homem branco rico é percebido como mais branco do que um homem branco pobre. Isso indica uma hierarquia dentro da própria branquitude. No entanto, independentemente dos diferentes aspectos que essa identidade pode englobar, o principal aspecto em comum destacado pelos pesquisadores é o privilégio que o grupo branco obtém (Cardoso, 2010).

A intersecção das hierarquias de classe, cor e gênero emerge como um fator central na discussão. As pessoas identificadas como negras frequentemente ocupam posições subordinadas, em trabalhos manuais e serviços,

onde as relações são marcadas pela intimidade e desigualdade simultaneamente. Especificamente, a relação entre homens brancos de classe média e mulheres negras e pobres, empregadas em trabalhos domésticos e de cuidado, ecoa um modelo de relações sociais entre cor, gênero e classe que remonta ao Brasil colonial (Corossacz, 2014).

A população negra ainda é majoritariamente associada a trabalhos manuais, salários mais baixos e posições de menor prestígio social. Ao incorporar a questão de gênero à análise, observa-se que as mulheres negras estão em uma desvantagem ainda maior em comparação com as brancas e os homens, devido ao racismo e ao machismo que favorecem um grupo em detrimento do outro.

Embora o grupo branco reconheça o racismo, muitas vezes há uma percepção naturalizada da desigualdade gerada pela ideia de raça, além da reprodução dos discursos da miscigenação e da democracia racial para dissimular a hierarquia existente. Um estudo de Oliveira & Resende (2020), usando a análise do discurso, revelou que as mulheres brancas reconhecem os estereótipos criados em relação às mulheres negras, indicando que elas são objetificadas, como exemplificado por “o tipo físico sempre foi sexualizado pela mídia”. No entanto, o discurso não identifica quem realiza essa sexualização, e o branco permanece ausente na discussão sobre relações raciais.

Mesmo com a percepção do racismo e dos privilégios brancos, os discursos são frequentemente acompanhados de atenuantes que permitem o apagamento do branco nas discussões. Adjuntos adverbiais e outros recursos da língua portuguesa também contribuem para ocultar os sentidos dos atores sociais, servindo como armadilhas para a propagação de discursos pouco conscientes sobre diversas questões importantes, como desigualdades de gênero, raça e social.

Categoria 3 – Branquitude e poder no contexto escolar

As instituições também colaboram com a manutenção da desigualdade racial, uma delas é a escola que desempenha um papel fundamental na formação das pessoas. O imaginário da branquitude também está presente

no cotidiano da creche, em que o branco aparece como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos demais grupos raciais, vistos como menos humanos. A branquitude é uma invenção das elites brancas, uma ideologia, que argumentam que a discriminação racial é um problema exclusivamente do negro, culpabilizando-os pela discriminação que sofrem, desvalorizam o outro grupo construindo uma imagem negativa que afeta sua autoestima, à medida que se isentam da sua responsabilidade, justificando, assim, a desigualdade racial (Santiago, 2019).

As crianças desde cedo já se deparam com a branquitude nas creches, sendo possível observar a desigualdade racial desde a educação infantil. Segundo Santiago (2019) a branquitude se apresenta enquanto práticas de poder que se configuram na construção da identidade branca de forma positiva. As crianças são expostas a livros e imagens que supervalorizam os brancos; enquanto materiais didáticos e lúdicos que tratem dos indígenas, negros, ciganos, entre outros segmentos da diversidade étnico-racial, não estão disponíveis, aumentando a percepção de que os brancos são a regra ou o modelo. São nesses espaços que se constroem conceitos que formarão as crianças que posteriormente serão adultas. As imagens perpassadas nesses espaços permitem que a identidade branca vá sendo difundida simbolicamente associada à noção de que os brancos representam toda a humanidade.

As crianças brancas pequenas já contam com privilégios decorrentes da branquitude. A figura do homem branco funcionário da escola: coordenador, diretor, entre outros, transmite às crianças a ideia de controle e vigilância, sendo que geralmente quem exerce o poder é o homem branco ocupando cargos que têm status social; e o espaço escolar e seus ornamentos também ajudam a transmitir a supremacia racial, os cartazes da escola passam uma imagem estereotipada dos grupos minoritários. Na escola em que foi realizado o estudo de Santiago (2019), em uma campanha educativa sobre desperdício de água, o menino negro é retratado no cartaz como mal-educado que desperdiça a água; ao passo que o menino branco é retratado como o comportado que desliga a torneira. As imagens propagadas nas instituições educacionais constroem espaços de significados e, muitas vezes, reforçam estereótipos.

As produções imagéticas que ornamentam os espaços das instituições infantis, como painéis, fotos e gravuras, proporcionam representações e afetam a constituição subjetiva das crianças. De acordo com Souza e Dinis (2018), os ornamentos presentes no espaço escolar retratam uma relação de saber e poder dos processos racistas de branqueamento nas instituições de educação infantil. A falta de representação da criança negra nos espaços escolares passa a ideia do branco como padrão normativo a ser seguido e, dessa maneira, a escola privilegia o grupo branco. A representação de personagens brancos na decoração da escola constrói uma valorização positiva do fenotípico branco, corroborando com a ideia de branquitude, o que é profundamente problemático se se levar em conta que são nesses espaços que a identidade racial da criança está sendo construída.

Os discursos que permeiam os ambientes escolares são representações racializadas, marcadas pelo mito da democracia racial e da mestiçagem e mediadas pelas noções de branquitude. De acordo com Zubaran e Cruz (2020) embora, por um lado, os docentes reconheçam que os alunos brancos têm privilégios na escola, por outro, negavam existir preconceito na escola em que trabalham. Quando questionadas sobre branquitude e padrão de beleza, comentam que a interiorização desses padrões tem efeitos perversos para a construção das subjetividades negras.

Um exemplo são as representações e práticas relacionadas aos cabelos crespos de meninas negras, que são representados como “cabelo ruim”, e as professoras presenciam as alunas indo ao banheiro molhar o cabelo, fazendo uso de chapinha, ou química. Demonstrando a importância de intervenções pedagógicas que busquem problematizar as relações raciais, pois o impacto da branquitude na constituição da subjetividade pode contribuir para a baixa autoestima das pessoas que não possuem as características fenotípicas consideradas ideais, sendo emergente cada vez mais a problematização de padrões estéticos eurocêntricos (Zubaran & Cruz 2020).

Pensando a cultura da escola como uma extensão da sociedade, o ambiente escolar reforça as desigualdades e contribui para a manutenção do racismo nos processos de socialização das crianças. As práticas escolares reforçam a ideia da branquitude como padrão normativo, gerando impacto na construção da subjetividade e identidade. Embora seja fundamental

falar das relações raciais, esse tema ainda é pouco discutido nas escolas e a branquitude menos ainda, afinal uma das características da branquitude é justamente o silêncio, quando se fala sobre racismo o outro não branco que é discutido. A escola é um espaço de grande potência para a desconstroção dos preconceitos, e novas práticas devem ser pensadas para formação dos agentes escolares, além de ações e políticas que visem construir um ambiente em que as diferenças sejam ressignificadas.

Categoria 4 – Analisando a branquitude por meio de uma perspectiva histórica

Diversos contextos podem servir como base para analisar a branquitude como categoria de estudo das relações sociais. Por exemplo, Hirano (2013) investiga a branquitude em um contexto cinematográfico histórico. Ele examina a trajetória de Grande Otelo, um ator negro que desfrutou de uma carreira de quase 70 anos, participando de diferentes projetos no cinema brasileiro. A análise discute como ao longo do tempo os personagens interpretados pelo ator foram se transformando, refletindo as mudanças na representação do papel do negro na sociedade. Inicialmente, Grande Otelo representava personagens que incorporavam o ideal da democracia racial nas décadas de 1940 e 1950. Nesse contexto, os significados atribuídos aos corpos das figuras públicas são moldados por uma rede de relações que estabelecem hierarquias, determinando o lugar de cada artista. Muitas vezes, os personagens representados no cinema são construídos sob a ótica da branquitude, reforçando estereótipos sobre a população negra. “[...] como é possível ver nas críticas da época, por vezes o ator negro era aclamado justamente por interpretar muito bem um estereótipo.” (Hirano, 2013, p. 86).

Atualmente, ainda persistem situações semelhantes às do passado. As práticas racistas e exploratórias mudaram de forma e foram rotuladas de maneira diferente, mas o espaço destinado ao protagonismo negro na mídia continua sendo significativamente menor em comparação com o dos brancos, mesmo considerando que 56% da população brasileira é negra.

Serra e Schucman (2012) realizaram um estudo com o objetivo de compreender como a política racial eugenista, implementada no início do século 20 por psiquiatras da “Liga Paulistana de Higiene Mental”, repercute nas micropolíticas da atualidade. A eugeniose baseava-se nas ideias de seleção natural de Charles Darwin, e seu primo Galton as utilizou para argumentar que uma raça poderia ser superior à outra, defendendo a transmissão de talentos de uma geração para outra, promovendo a seleção para evitar a miscigenação. Essas ideias influenciaram a criação da Liga Paulistana de Higiene Mental no Brasil, que divulgava nas rádios, jornais e outros meios da época a ideia de que as pessoas não deveriam se relacionar com outras de raças diferentes.

O estudo de Serra e Schucman (2012) revelou que muitos dos entrevistados ainda adotam os significados relacionados à superioridade e “pureza racial” branca, afetando a percepção das pessoas não brancas em áreas como escolhas afetivas, construção familiar e moralidade. A sociedade desenvolveu um sistema hierárquico silencioso que desvaloriza aqueles que não se encaixam no ideal branco, por não possuírem características físicas semelhantes às dos europeus.

Categoria 5 – Conflitos, silêncios e branquitude

Nesta categoria temática, foram agrupados estudos que analisam os conflitos decorrentes da branquitude, os quais geram desigualdades materiais e simbólicas. Jesus e Oliveira (2020) realizaram um “estudo-reflexão” que analisou as expressões e tensões entre a branquitude e a identidade afro-brasileira na disputa por território na Vila de Serra Grande, distrito do município de Uruçuca, no litoral sul da Bahia. Brancos europeus, povos das Américas e brasileiros com médio ou alto poder aquisitivo de várias regiões do país, principalmente do Sul e sudeste, escolheram a Vila de Serra grande como destino devido à promoção turística que a retrata como um paraíso tropical. Isso contribui para atrair migrantes e residentes locais, resultando na mudança da cultura local.

O território é visto como um espaço de poder simbólico e material, sendo fundamental para discutir as ações e relações que nele ocorrem.

A Vila de Serra Grande é considerada um lugar histórico habitado por elementos tradicionais negro-indígenas, marcando uma identificação étnico-territorial. Na Bahia, estado com maior contingente populacional negro do país, a migração internacional e nacional de contingentes brancos para o estado reflete as dinâmicas étnico-raciais na região e as novas formas de colonização capitalista euro-estadunidense na América do Sul (Jesus & Oliveira, 2020).

Situações como o fenômeno da imigração para o Litoral Sul da Bahia muitas vezes passam despercebidas devido à falta de reflexão crítica sobre a implicação da raça nas dinâmicas sociais. Estudos que consideram relações históricas, políticas, econômicas, culturais, raciais e de gênero contribuem para entender as dinâmicas relacionais e como a branquitude permeia os espaços, construindo relações de dominação.

Várias tensões raciais ocorrem de forma silenciosa na sociedade brasileira, seja no contexto escolar, territorial, subjetivo ou na área da saúde, entre outros. Considerando o momento histórico em que essas tensões ocorreram, estudos demonstram que a pandemia da Covid-19 intensificou as desigualdades sociais, raciais e de gênero. Eurico et al. (2021) argumentam que a pandemia escancarou ainda mais essas desigualdades, com a população negra e indígena sendo a mais afetada pela Covid-19.

Uma pesquisa publicada pelo Coletivo Terra, Raça e Classe do MST (2020), no jornal Brasil de Fato, demonstrou que a população negra paulista tem até 85% mais chances de morrer por covid-19 do que a população branca. Essa mesma pesquisa também mostrou que apesar de Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 140, p. 84-100, jan./abr. 2021. Racismo e novo pacto da branquitude em tempos de pandemia negros(as) somarem 43,1% dos(as) hospitalizados(as), representam mais da metade das mortes. (Eurico et al., 2021, pp. 88-89).

O racismo estruturado pelas ideologias da branquitude apresenta inúmeras consequências, incluindo desapropriação material, simbólica e ameaças ao bem-estar das pessoas pertencentes a grupos minoritários. Esse é um assunto que requer mais problematização e discussão para pensar em mecanismos que possam reduzir as desigualdades, garantindo que

as pessoas de grupos socialmente desfavorecidos tenham acesso aos seus direitos e que mais políticas públicas sejam implementadas e cumpridas para equiparar os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos desta revisão de escopo era identificar as lacunas teóricas nos estudos sobre a branquitude. Uma das principais lacunas observadas foi o reduzido número de trabalhos recuperados, totalizando apenas 12 artigos. Essa escassez é notável considerando a relevância da temática para o entendimento das relações raciais. Além disso, não foram encontrados estudos quantitativos que utilizassem instrumentos capazes de coletar dados em amostras amplas e representativas da população em geral. Outra lacuna destacada em um dos artigos analisados foi a falta de estudos sobre a branquitude acrítica.

Outro objetivo era identificar como a temática da branquitude estava sendo abordada em diferentes áreas do conhecimento. Como observado, a branquitude tem despertado interesse em várias áreas, com diferentes enfoques e temas, abrangendo desde o público em geral até amostras mais específicas, como universitários, professores, alunos, e recortes históricos. Essa diversidade de abordagens e corpus de dados reflete a complexidade do tema, mas também indica a falta de sistematização de linhas específicas de pesquisa sobre branquitude no Brasil.

Procurou-se também verificar quais conceitos foram utilizados para abordar a temática da branquitude. Entre os termos mais destacados estão raça, racismo, miscigenação, branqueamento e democracia racial. O racismo é o tema mais discutido nos trabalhos sobre branquitude, ampliando os debates sobre as relações raciais ao considerar o branco como categoria de análise e possibilitando a discussão sobre sua participação na desigualdade racial.

A miscigenação e o branqueamento também são importantes categorias de análise, dada a diversidade racial do Brasil e as políticas de branqueamento implementadas em períodos históricos anteriores. A democracia racial, embora ainda presente no imaginário popular, é frequentemente

evocada para negar a existência do racismo. Outros conceitos específicos da branquitude, como invisibilidade branca, pactos narcísicos, branquitude crítica e acrítica, desempenham um papel crucial na compreensão dessa temática complexa.

Os resultados da pesquisa destacam a importância de conhecer as produções brasileiras sobre a branquitude para entender como ela se configura no país e planejar estudos que possam abordar essa temática, visando enfrentar as desigualdades raciais. No entanto, o trabalho apresenta algumas limitações, como a seleção restrita de materiais que utilizam explicitamente o termo “branquitude” no título, deixando de fora outros trabalhos que abordam o tema de maneira diferente.

Diante do exposto, é possível afirmar que a branquitude consiste em um conjunto de ideias que são elaboradas, reinventadas e vivenciadas nas relações sociais. Sendo um elemento socialmente construído, pode ser desconstruído. Os estudos sobre essa temática contribuem para sua compreensão e para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento das desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS

- Cardoso, L. (2010). Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales*, 8(1), 607-630. Recuperado de <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rlesnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/70>
- Cardoso, D. (2009). *Pode me Chamar de Nadí oficial*. YouTube. Ceará, BA. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=HNmizIrjQKU>
- Corossacz, V. R. (2014). Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 105, 43-64. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/42348>

- Eurico, M.; Gonçalves, R.; & Fornazier, T. (2021). Racismo e novo pacto da branquitude em tempos de pandemia: desafios para o Serviço Social. *Serv. Soc. Soc.*, 140, 84-100, jan./abr. 2021 <https://doi.org/10.1590/0101-6628.239>
- Hirano, L. F. K. (2013). O imaginário da branquitude à luz da trajetória de grande Otelo: raça, persona e estereótipo em sua performance artística. *Afro-Ásia*, 48, 77-125 Recuperado de <https://www.scielo.br/j/afro/a/jQnGgnGMq5VcB4tK4NBgPNx/abstract/?lang=pt>
- Jesus, J. S., & Oliveira, R. M. S. (2020). Europeus e norte-americanos no litoral Sul da Bahia: branquitude e novas colonizações no paraíso tropical?. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade*, 5(10), 257-279. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/7471>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo* (142 p.). São Paulo, SP: Blucher Open Access.
- Oliveira, D., & Resende, V. M. (2020). Branquitude, discurso e representação de mulheres negras no ambiente acadêmico da UFBA. *Revista de Estudos do Discurso Bakhtiniana, São Paulo*, 15(4): 149-171, out./dez. <https://doi.org/10.1590/2176-457347682>
- Ortiz-Piedrahíta, V. (2020). Subjetivación de la blanquitud por jóvenes universitarios: un estudio comparativo. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 18(1), 1-24. Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1099174>
- Rex, J. (1986/1988). *Raça e etnia*. Lisboa, PT: Editorial Estampa.
- Santiago, F. (2019). Branquitude e creche: inquietações de um pesquisador branco. *Educar em Revista, Curitiba, Brasil*, 35(76), 305-330, jul./ago. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.66099>
- Shucman, L. V. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & sociedade*, 26(1), p.83-94. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>

- Serra, L. N., Shucman, L. V. (2012). Branquitude e progresso: a Liga Paulista de Higiene Mental e os discursos paulistanos na contemporaneidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro*, 12(1), 288-311. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000100017
- Souza, E. Q., Dinis, N. F. (2018). Imagem, branqueamento e branquitude nas escolas de educação infantil. *Revista Binacional Brasil-Argentina, Vitória da Conquista*, 7(1), 278-301. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/4072>
- Vicente, J. (2010). *Cores e botas* [arquivo de vídeo]. São Paulo, SP. Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygUoo>
- Zubaran, M. A., & Cruz, J. M. F. (2020). Curtas metragens e narrativas docentes: problematizando diferença racial e branquitude. *Acta Sci. Educ.*, 42, e41846. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/41846>

Recebido em 08/03/2023

Aceito em 28/02/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.